

DESVIOS FONOLÓGICOS EM CRIANÇAS
Teoria, Pesquisa e Tratamento

Organizado por MEHMET S. YAVAS (PUCRS)

SUMÁRIO

Introdução

Nota Sobre a Transcrição e a Tradução

Teorias sobre Desenvolvimento Fonológico e suas
Implicações para os Desvios Fonológicos
Carol Stoel-Gammon

Uma teoria de Interação — Traço-Fonema para o
Seqüenciamento da aquisição e da Generalização
de Traços Distintivos — *Stephen E. Blache*

Os Desvios Fonológicos Evolutivos Numa Perspectiva
Lingüística — *Pamela Grunwell*

Interações entre os componentes da Língua no
Desenvolvimento Normal e com Desvios
— *Richard G. Schwartz*

Consciência Metalingüística em Crianças
com Desvios Fonológicos — *Eva Magnusson*

Avaliação da Adequação Funcional de Sistemas
Fonológicos de Crianças — *Eeva Leinonen-Davies*

Tratamento Fonológico para Crianças de
Fala Inteligível e Implicações em Diferentes Línguas
— *Barbara W. Hodson*

Treinamento do "INPUT" em Desvios Fonológicos:
Discussão de um Caso — *Susanna Evershed Martin*

Aquisição Fonológica em Casos de Desabilidade
Fonológica de Desenvolvimento
— *Elizabeth R. Teixeira*

Os Processos e a Inteligibilidade na Fonologia
com Desvios — *Mehmet S. Yavas & Regina R. Lamprecht*

Pedidos para
EDITORA MERCADO ABERTO LTDA.

Rua da Conceição, 195 - 1º andar
90037 - Porto Alegre - RS

A COSTA DOS MURMÚRIOS:
O RESGATE DA MEMÓRIA PELO DISCURSO CRÍTICO

José Édil de Lima Alves

UFPEL

*Para a Prof. Maria Dulce de Matos,
com amizade*

No bojo da revitalização da narrativa portuguesa atual, e dando não pequeno contributo para que tal tivesse sido possível, surgiu Lúcia Jorge, uma romancista natural do Algarve que se tem afirmado a cada obra publicada. Desde o *O dia dos prodígios* (1980) até *A costa dos murmúrios* (1988), são quatro livros que se impõem por suas qualidades intrínsecas enquanto ficção, mas que, a par de tais qualidades, têm enfrentado os temas mais candentes para a portugalidade nesta fase da vida nacional.

Na verdade, após aquela surpresa manifestada por certos intelectuais brasileiros sobre o *vazio das gavetas* logo depois da Revolução dos Cravos (1974), já ao final daquela década apareciam as primeiras realizações vigorosas sobre o que, de fato, não se havia tematizado na literatura portuguesa moderna até então: a guerra colonial lusitana em África que atravessara praticamente toda a década de sessenta, sendo o pretexto mais forte para a derrubada da ditadura fascista em Portugal, então sob o ministério de Marcelo Caetano.

Foi o momento assinalado da vigorosa ficção de Antônio Lobo Antunes (*Os cus de Judas, Conhecimento do inferno*) e da poesia pungente e lúcida de Fernando Assis Pacheco (*Memórias do Contencioso; Catalabanza, Quilolo e Volta*), trazendo para o terreno da literatura viva e aliciente a presença incômoda de um tempo de insanidade premeditada a ceifar vidas na flor da idade e a arrebentar as estruturas físicas e psíquicas dos que escapavam à morte física nos matos perdidos de uma terra ocupada há milênios e há milênios vilipendiada.

Lídia Jorge, testemunha ocular também ela e partícipe em certo nível dos acontecimentos bélicos em África, quando dos estertores da ditadura e do império colonial, e imbuída da expectativa que era lícito alimentar após a recuperação dos direitos democráticos da cidadania, estréia-se no romance no último ano da década dos setenta com uma narrativa metafórica em que as personagens põem em cheque não só o nível da realidade, como as realizações dos "senhores da democracia consentida", então governantes, e as próprias intenções de tais "senhores".

Refletindo sobre os acontecimentos que se foram desenvolvendo após aquele 25 de abril até chegar ao impasse do ano seguinte (novembro de 1975), as personagens e o narrador atreviam-se a atacar o problema em seu ponto mais sensível e denunciavam o que ainda talvez não fosse conveniente pôr em questão em democracia tão debilitada. Enfim, alguém assumia a constatação: o rei está nu.

Pois em *A costa dos murmúrios*, Lídia Jorge encara o tema mesmo que estava na raiz daquele que focalizou em *O dia dos prodígios*. Porque no livro de 1988 o que se tematiza é justamente o momento mais agudo da crise portuguesa deste século: a guerra colonial em África, às vésperas da queda do império.

Mais do que afirmar uma vocação para a narrativa ficcional, *A costa dos murmúrios* revela uma escritora que não se acomodou ao sucesso com que a crítica e o público a distinguiram (*O dia dos prodígios*, de 1980 com 5ª edição em 1985; *O caos das merendas*, de 1982, em 3ª edição em 1985; *Notícia da cidade silvestre*, de 1984, na 9ª edição em 1987), renovando-se e atrevendo-se a continuar em busca de soluções formais e temáticas para revitalizar-se, revitalizando a ficção.

Assim, *A costa dos murmúrios* constitui-se de dois 'livros' os quais, girando em torno de um mesmo eixo (os acontecimentos que envolveram o casal Luís Ferreira Alexandre, o Luís Alex, e Eva Lopo, a Evita, em um período de suas vidas em Moçambique, durante a guerra colonial), interpenetram-se, complementando-se de forma insólita, porquanto o segundo vem a anular o primeiro.

Já na divisão do romance depara-se o leitor com uma técnica formal no mínimo curiosa. Inusitada, talvez fosse dizer mais. Após o título que empresta nome ao livro propriamente dito, *A costa dos murmúrios*, surge outro título: "Os Gafanhotos". Esta parte cons-

titui-se de um relato aberto por uma epígrafe de Álvaro Sabino (o leitor identificará tal personagem mais tarde, já ao final do segundo livro) e fecha-se com um indefectível FIM, hoje apenas mantido nas películas cinematográficas. O que não se constitui, contudo, em algo gratuito. O segundo 'livro' compõe-se de nove partes, numeradas com algarismos romanos e sem quaisquer títulos, seja para o 'livro', seja para as partes.

Ora, utilizando-se de tais recursos, o leitor poderá identificar o jogo formal a que recorreu a autora. Se por um lado filia sua narrativa a uma corrente tradicional do romance — pelo uso do título, da epígrafe e da indicação explícita do final, o que, se já não se encontra num Eça, é comum em Camilo, por exemplo —, por outro, inscreve-a na contemporaneidade que faz questão de abandonar os subtítulos para os capítulos ou partes e, aqui, dispensa mesmo o título para o 'livro'.

Não se pense, contudo, que apenas esses são os pontos explorados nesta narrativa e/ou que os recursos técnicos são, assim, tão escassos.

Em 'Os Gafanhotos' há uma voz que narra os acontecimentos. A técnica usada é aquela clássica do "in media res". E a linguagem narrativa é francamente cinematográfica, partindo de uma abertura em "close-up": "O noivo aproximou-se-lhe da boca, a princípio encontrou os dentes, mas logo ela parou de rir e as línguas se tocaram diante do fotógrafo." (p. 9) E, como a epígrafe já anunciava, o tom é puxado para o lírico, sublinhando o subjetivo e as impressões pessoais, onde não faltam as passagens francamente oníricas, como em Bergman ou Fellini. Donde, nada mais lógico que aquele, em garrafais, FIM, para fechar a narrativa.

Mesmo as descrições, onde a objetividade máxima é perseguida, deixam-se envolver por uma aura de poeticidade, exagera tanto pelo uso reiterado de termos e de sintagmas, quanto pelas locuções exclamativas que complementam considerações surgidas a partir mesmo de tais descrições. Fastidioso seria exemplificar — e desnecessário para quem leu o romance. Porém, seria suficiente referir-se a parágrafos que iniciam pelas mesmas construções sintagmáticas, remetendo ao recurso do "leixa-pren" (deixa-prende) da antiga trovadoresca galaico-portuguesa: "Rodavam, rodavam os pares. Foi há vinte anos..." e, após um parágrafo intercalado: "Rodavam, rodavam sempre, ela de braços muito abertos, estendidos, levantados..." (p. 11-2).

Esta narrativa em terceira pessoa é entrecortada por diálogos ou por falas, todas marcadas pelo uso de aspas e o locutor indicado pelas expressões: “ – disse...”, ou “ – perguntou...”, consoante se tratem de afirmações ou de indagações, respectivamente.

Em ‘Os Gafanhotos’ narram-se acontecimentos em que se viram envolvidos como protagonistas um jovem casal, Luís Alex e Evita. Amigos, namorados e amantes desde seus tempos de universidade em Lisboa, casam-se em Moçambique, durante uma breve licença de Luís Alex, então servindo nas forças expedicionárias portuguesas no período da guerra colonial.

Estão no ‘Stella Maris’, hotel que abriga as famílias dos militares em campanha e os militares em trânsito. Trata-se de um oásis, do “locus amoenus”, de onde tudo se vê com olhos de mansidão e benevolência. Mas é ali que se dizem e se ouvem as considerações a respeito do poder e da opressão. Desde os níveis mais inferiores e interpersoais, até os mais elevados e inter-raciais, tribais e/ou nacionais.

Por sob aquele verniz de encanto e polidez – “África é amarela, minha senhora” – disse o Comandante, apertando pelo carpo a mão de Evita. “As pessoas têm de África idéias loucas. As pessoas pensam, minha senhora, que África é um floresta virgem, impenetrável, onde um leão come um preto, um preto come um rato assado, o rato come as colheitas verdes, e tudo é verde e preto. Mas é falso, minha senhora, África, como terá oportunidade de ver, é amarela. Amarela-clara, de cor de whisky!” (p. 11-2) – e mesmo através deles: – Oh! Oh! A guerra! Se não fosse a guerra, *mesdames*, até a calmaria criaria pedras!” E como o comandante avançasse dizendo isso, o noivo e o capitão não puderam trocar palavra. – (p. 13) – o que se percebe é a estupidez e a hipocrisia a presidir os atos humanos.

A rigor, aquela situação-limite em que todos são vítimas, e todos cúmplices, e todos culpados, porquanto de forma a-crítica se prestam a reproduzir e a sustentar as bases do sistema que a todos oprime. Mas, porque a-crítica, dela ninguém escapa e nela, pela acomodação, é possível para cada um, em seu íntimo alienado, sentir-se até “feliz”: “Evita começou a chorar baixinho. Era maravilhoso tudo se conjugar daquela maneira. Que astros estariam com que astros, lá cima da atmosfera, por cima do manto de ozono, para que acontecesse tudo de forma tão harmoniosa?” – “... o major surgiu, deu

um passo em frente e se curvou até os joelhos – “Madame, os meus respeitos!” Ela voou no primeiro avião civil. O corpo dele seguiu depois, num barco militar. FIM (p. 38-9).

Ora, não há dúvida de que, passados vinte anos, a própria protagonista só mesmo pudesse dizer, lendo ‘Os Gafanhotos’: “Esse é um relato encantador. (...) Além disso, o que pretendeu clarificar, clarifica, e o que pretendeu esconder ficou imerso.” (p. 41).

O ‘livro’ segundo, metaforicamente, é o exercício de “passar a limpo” a História oficial portuguesa. Pelo menos, aquelas páginas sobre a guerra colonial. Algo impossível, quase, para os que vivenciavam os dias turbulentos da ditadura fascista, de cambulhada com os movimentos das tropas que partiam/voltavam de Portugal para África, de África para Portugal, muito embora já alguns, dentre os quais Assis Pacheco, tivessem a lucidez e o atrevimento para tematizar aquela realidade, mesmo que de forma crítica.

Vitoriosa a revolução, era praticamente impossível, ter surgido das gavetas narrativas como a que se encontra no ‘livro’ segundo, deste *A costa dos murmúrios*. Somente o tempo, favorecendo pela reflexão, o amadurecimento das horas doridas naquela longa década, poderia oferecer análises da lucidez que se pode verificar ao correr desses nove capítulos.

Eva Lopo, a protagonista d’Os Gafanhotos, faz a leitura crítica daquele texto que lhe é apresentado por uma personagem inominada (seu *alter-ego*?) e tem a oportunidade de dissecar os acontecimentos ali narrados. Comenta-os até com cruzeza, já sem a necessidade de “dourar a pflula”, como registra o ditado popular.

No entanto, não se pense que esse também não é um exercício doloroso. Submeter-se a História a essa revisão pode ser um ato necessário, mormente por quem a viveu e, talvez, tivesse auxiliado a escrevê-la; porém, por catártico, logicamente sofrido. Eva Lopo tem, após vinte anos de distanciamento, essa nítida convicção: “Imerso, claro, o que não poderia ser doutro modo. O sentido da sua recordação, atendendo ao que recorda, mantém-se tão inviolável quanto o é, por exemplo, a razão profunda do pêssego.” (p. 41).

E lúcida, a protagonista vai além em suas reflexões sobre o valor e a necessidade de tais revisões. Enfática, afirma: “Misterioso como o pêssego – uma memória fluida é tudo o que fica de qualquer tempo... Embora, ao contrário do que pensa, não ignore a História.

Acho até interessante a pretensão da História, ela é um jogo muito mais útil e complexo do que as cartas de jogar. Mas neste caso, porque insiste em História e em memória, e idéias dessas que tanto inquietam?" (p. 42) E arremata: "Aconselho-o, porém, a que não se preocupe com a verdade que não se reconstitui, nem com a verossimilhança que é uma ilusão dos sentidos. Preocupe-se com a correspondência." (p. 42).

Ou seja, a roda da fortuna não pára em seu giro e é sempre cega e inexorável. Os acontecimentos, porém, esses são frutos de decisões (e/ou de indecisões) dos homens. E, por humanos, é que não se pode descurar um momento da vigília, a fim de evitar-se, não apenas a possibilidade dos erros, mas, sobretudo, a repetição daqueles que já se abateram um dia sob os indivíduos e as sociedades humanas. É a protagonista quem se aprofunda em suas reflexões para advertir seu alocutário (o leitor virtual?): "Por favor, estamos longe do tempo em que se acreditava no Universo como uma criação safda dum espírito preocupado com a inteligência e a verdade, quando tudo — julgava-se — se refletia em tudo como uma amostra, um espelho e um reflexo." (p. 42).

E porque todo o 'livro' segundo trata desse exercício exemplar de reflexão e de mergulho na interioridade, não apenas do ser individual, senão que do coletivo, é que pode, ao final, possibilitar a Eva Lopo afirmar-se em sua plenitude, resgatada pelo exercício da palavra: " — Deixe ficar aí, suspenso, sem qualquer sentido útil, não prolongue, não ouça as palavras. A pouco e pouco as palavras isolam-se dos objetos que designam, depois das palavras só se desprendem sons, e dos sons restam só os murmúrios, o derradeiro estádio antes do apagamento — disse Eva Lopo, rindo." (p. 259). E a voz que conduz a narrativa, conclui: "Devolvendo, anulando 'Os Gafanhotos'." (p. 259) Quer dizer, tudo aquilo que o discurso oficial, opressor e a-crítico, afirmara, criando necessidades, encaminhando realizações e massacrando indivíduos e povos, somente poderá ser resgatado pelo exercício da reflexão. Através do discurso crítico sofrido, porém, maduro. A palavra crítica, enfim, como agente de resgate da própria dignidade humana.

BIBLIOGRAFIA

JORGE, Lidia. *A costa dos murmúrios*. Lisboa: Dom Quixote, 1988. 259p.